
HOMENAGEM

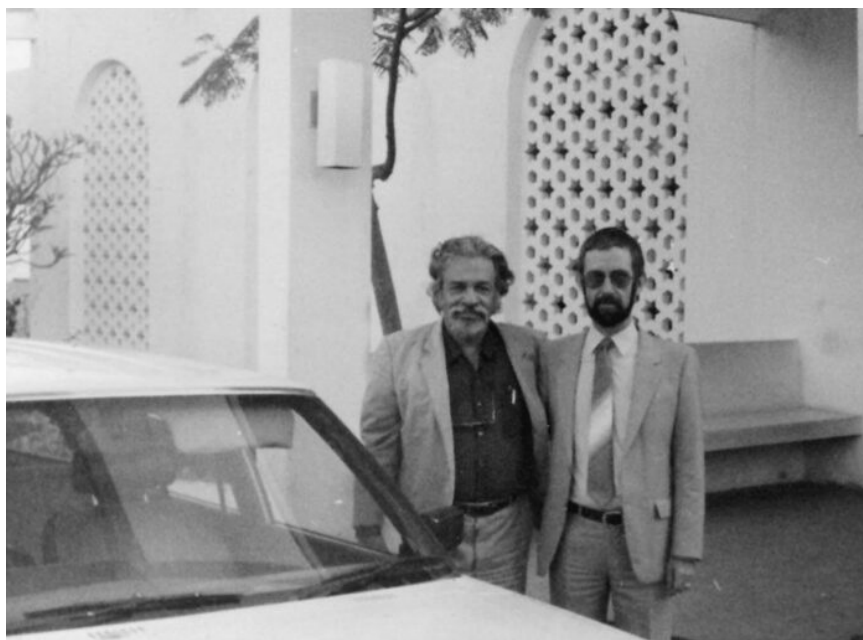
“UM HOMEM ANGUSTIADO”

UMA HOMENAGEM A AQUINO DE BRAGANÇA (1924-1986) NO CENTENÁRIO DO SEU NASCIMENTO*

Colin Darch¹  

Universidade da Cidade do Cabo

Figura 1: Colin Darch (à direita) e Aquino de Bragança (à esquerda) em Dar es Salaam durante uma missão para entrevista Mwalimu Julius Nyerere sobre o início da história da Frelimo (Frente de Libertação de Moçambique), outubro de 1985



Fonte: Arquivo pessoal de Colin Darch

* Original em inglês, disponível em . Tradução: Valdemir Zamparoni.

1 Colin Darch trabalhou em Moçambique de 1979 a 1987, e é o fundador do site Moçambique History Net. Com Amélia Neves de Souto é autor de *A Dictionary of Mozambican History and Society (Um Dicionário de História e Sociedade Moçambicana)*, Cape Town: HSRC Press, 2022.

Conheci Aquino no final de 1978 ou início de 1979, quando me mudei de Dar es Salaam para Maputo para fazer parte da equipe que Ruth First – recentemente nomeada diretora de investigação – estava a recrutar para trabalhar no Centro de Estudos Africanos (CEA) na Universidade Eduardo Mondlane. Esta foi uma época de otimismo político – a Frente de Libertação Nacional (vietcongue) expulsou os Estados Unidos do Vietnã e o país foi reunificado; os portugueses foram forçados a abandonar as suas colônias em África e noutros lugares; e a luta pela libertação no Zimbabué e no resto da África Austral estava a se intensificar.

Não tenho nenhuma lembrança clara daquele primeiro encontro, provavelmente formal, mas apertamos as mãos quando fui apresentado como novo membro da equipe e trocamos as gentilezas habituais. Muito mais vívido na minha mente é o encontro com ele, pouco depois, nos então algo apertados escritórios do CEA, e a sua sugestão de darmos um passeio pela avenida da *marginal*, até ao restaurante Costa do Sol. Fizemos o mesmo trajeto algumas vezes, ao longo do que no final dos anos 1970 era uma praia vazia, enquanto Aquino falava uma mistura de francês e inglês – meu domínio do português era quase inexistente naquela época. Isso aconteceu num período extremamente difícil da vida de Aquino, pois a sua esposa e companheira, Mariana, estava gravemente doente, acabando por falecer após uma longa doença a 29 de maio de 1979.

Aquino foi uma pessoa extraordinariamente generosa com seu tempo, desprovido de arrogância e disposto a compartilhar seu conhecimento e sua amizade. A sua influência manifestou-se de diversas formas, como no início da minha passagem pelo CEA, por exemplo, quando ele me disse que se eu quisesse mesmo dominar o português deveria ler os grandes escritores, como Eça de Queiroz ou o mais difícil Aquilino Ribeiro. Lembro-me de passar muitas noites lendo lenta, mas obedientemente *O Crime de Padre Amaro* (1875) e *Os Maias* (1888), com um dicionário ao lado – e acredito que o conselho de Aquino acabou valendo a pena. Ele trazia frequentemente visitantes ilustres, tais como Lúcio Lara, do MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola), o intelectual brasileiro

Neiva Moreira, a africanista soviética Roza Ismagilova e muitos outros ao Centro de Estudos Africanos para que pudéssemos encontrá-los e conversar. Numa noite memorável, bateram mesmo à porta da nossa casa, na avenida Mao Tse-Tung, e Aquino entrou acompanhado por Carlos Rocha “Dilolwa”, do MPLA. Sentaram-se para discutir a política angolana e beber uísque durante algumas horas fascinantes. Aquino também trouxe Mário de Andrade, o primeiro presidente do MPLA, ao CEA onde, entre maio e julho de 1985, ministrou um curso sobre as ideologias de libertação nacional.

O intelectual revolucionário moçambicano Tomaz Aquino Messias de Bragança – Aquino, para todos os que o conheceram – nasceu há cem anos,² a 6 de abril de 1924, naquela que era então a colônia portuguesa de Goa. Autodescrito como um “homem angustiado” – lutando constantemente para compreender o que significava ser marxista no século XX –, Aquino passou a sua vida adulta comprometido com a luta pela libertação de Moçambique e do resto da África Austral. Aquino morreu no desastre aéreo de Mbuzini, em outubro de 1986, ao lado do presidente Samora Machel. Como diz o memorial no jardim do CEA, ele foi “assassinado pela causa da paz, da ciência e da liberdade”. Um assessor de confiança de Machel, desempenhou múltiplos papéis como professor, jornalista, acadêmico e mensageiro diplomático, empreendendo missões sensíveis e altamente discretas a serviço da revolução moçambicana.

2 O texto de Darch foi concluído em abril do ano de 2024 – Nota da editoria de Afro-Ásia.

Figura 2: Monumento em memória de Ruth First e Aquino de Bragança no jardim do edifício do Centro de Estudos Africanos, no campus da Universidade Eduardo Mondlane



Fonte: foto de Colin Darch

Conhecido na FRELIMO pela sua discrição, recusou consistentemente todas as ofertas de nomeação para cargos políticos após a independência de Moçambique, fosse como embaixador ou ministro, e nunca

desempenhou qualquer papel oficial no movimento de libertação moçambicano. Ele acreditava que a mobilização do apoio popular para os objetivos da libertação nacional exigia entrar na cabeça das pessoas, compreender as suas formas de pensar, e fazer isso com sucesso exigia estudo e reflexão sobre a história, a cultura e a sociedade. Consequentemente, em 1975 disse a Samora Machel que não queria uma nomeação política, mas “apenas... um centro de estudos” – o Centro de Estudos Africanos (CEA), que ele criou e liderou de 1976 até à sua morte, defendendo a sua independência quando os que estavam no poder não gostavam dos resultados da sua investigação. Foi no CEA que tive a oportunidade de trabalhar com ele e de o conhecer como membro do quadro que ele descreveu de forma memorável como sendo constituído não por moçambicanos e estrangeiros mas sim por “militantes de diferentes nacionalidades”.

Quando Aquino nasceu, Goa ainda estava sob o domínio colonial português, três pequenos povoados espalhados ao longo da extensa Costa Ocidental da Índia. Muitos dos seus amigos e familiares participaram ativamente em campanhas por maior autonomia política dentro do Império Português. Em 1948, aos 24 anos, e à semelhança de outros jovens goeses de sua geração, desiludido, migrou para Moçambique, mas não conseguiu ser nomeado para a função pública colonial através dos concursos. Ele orientou alguns jovens colonos brancos que se preparavam para os mesmos exames – todos foram aprovados, enquanto ele, um indiano, ficou em último lugar.

Após esta experiência, em 1951, Aquino partiu para estudar física em Grenoble e Paris. Na França – e mais tarde no Marrocos e na Argélia – começou a frequentar círculos políticos anticoloniais e a estabelecer amizades duradouras com figuras como Marcelino dos Santos, Mário Pinto de Andrade, Agostinho Neto, Eduardo Mondlane e Amílcar Cabral. Depois de se formar, mudou-se para o Marrocos como professor e, em abril de 1961, em representação do nacionalista Partido Popular de Goa (GLP), ajudou a fundar a Conferência das Organizações Nacionalistas das Colônias Portuguesas (CONCP), órgão coordenador da luta comum contra a

dominação portuguesa nas colônias de Angola, Guiné-Bissau, Moçambique e noutros locais. A CONCP estava inicialmente sediada em Casablanca, mas mais tarde mudou-se para Argel depois de se opor às reivindicações revanchistas marroquinas sobre o território mauritano. O próprio Aquino permaneceu em Argel até à independência de Moçambique, em 1975.

Figura 3: Aquino (segundo, a partir da esquerda) com camaradas em Marrakesh, Marrocos, 1962. Lúcio Lara, do MPLA, está à esquerda; Amílcar Cabral é o quinto a partir da esquerda; ao lado dele, está Daniel Chipenda (MPLA)



Fonte: Acervo Lúcio Lara

Os interesses de Aquino não se limitavam às colônias portuguesas, nem mesmo à África Austral. os seus artigos publicados mostram que acompanhou de perto a vida política em regiões como o Magrebe, o Vietnã e a Indonésia e, nas décadas de 1960 e 1970, escreveu extensivamente sobre uma vasta gama de temas políticos – no Brasil, na África Ocidental,

em Angola –, bem como em eventos em centros metropolitanos como Portugal, Alemanha Ocidental e Estados Unidos. Seus artigos foram publicados em francês na Argélia em revistas e jornais progressistas como o semanário *Révolution Africaine* e o diário da Frente de Libertação Nacional (Argélia) *El Moudjahid*, e mais tarde, na França, em publicações radicais como *Afrique-Asie*, editado por Simon Malley, e o mensal *L'Economiste du Tiers Monde*. As entrevistas com Aquino – especialmente depois de 1980 – publicadas em jornais semanais e diários, constituem uma componente importante do seu patrimônio intelectual.

Quando ocorreu o golpe de 25 de abril de 1974 em Portugal, Aquino foi enviado a Lisboa para descobrir quem detinha o verdadeiro poder. Tal como relata no seu artigo “Independência sem Descolonização”,³ o seu conselho à RELIMO foi esperar pelas manifestações de 1º de maio e depois negociar com os capitães, e não com os generais – uma avaliação que se revelou inteiramente correta.

Após a independência de Moçambique, quando se tornou diretor do CEA, Aquino liderou um projeto de investigação coletiva analisando a economia política da Rodésia, em apoio aos movimentos de libertação do Zimbabué na malfadada Conferência de Genebra de 1976. Mais tarde, trouxe Ruth First para Moçambique por vários meses, para liderar outro projeto coletivo – com uma equipe de professores de outras faculdades e departamentos – para avaliar o impacto do sistema de trabalho migrante para a África do Sul no campesinato de Inhambane (uma província no sul de Moçambique). No final de 1978, foi tomada a decisão de trazer Ruth de volta permanentemente como diretora científica e de aproveitar a experiência anterior de investigação coletiva. As personalidades nitidamente diferentes de Aquino e Ruth significavam que nem sempre concordavam, mas mesmo assim lideraram o CEA durante aqueles que podem ter sido os seus anos mais produtivos. Eles estavam comprometidos com práticas

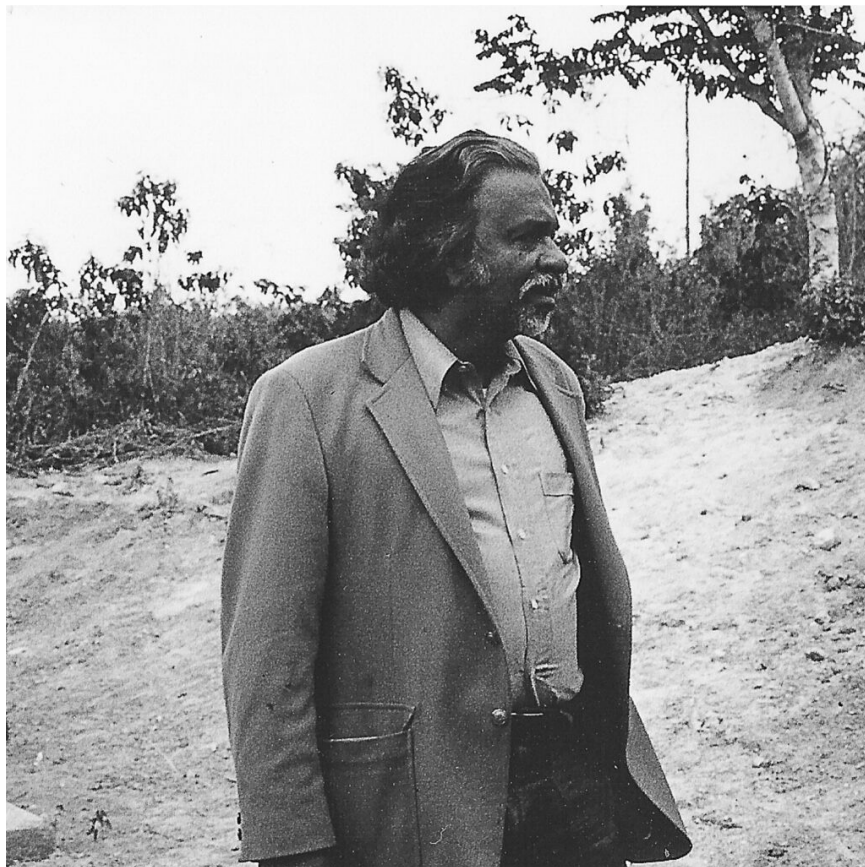
3 Aquino de Bragança, “Independência sem descolonização: a transferência do poder em Moçambique, 1974-1975. Notas sobre seus antecedentes”, *Estudos Moçambicanos*, n. 5-6 (1986), pp. 7-28, 

de ensino e pesquisa críticas e engajadas e acreditavam em pesquisas que tivessem um impacto transformador.

Os métodos utilizados – trabalho coletivo, leitura crítica de fontes publicadas, uso de entrevistas, trabalho de campo e rápida publicação e distribuição de resultados – foram em grande parte organizados por Ruth. mas, de forma crítica, o Centro proporcionou a Aquino uma plataforma – sobretudo através da *oficina de história* – que o apoiou na produção de grande parte do seu trabalho político posterior.

Por mais importante que o CEA fosse para ele, Aquino era mais do que apenas diretor de um centro de pesquisa acadêmica. De acordo com Graça Machel, falando em 2006, a sua alcunha nos círculos do Partido Frelimo era “o submarino”, devido à sua capacidade de realizar missões diplomáticas delicadas com pouco alarde. É claro que ele influenciou a política, e Samora Machel o enviou em diferentes momentos para Lisboa, Londres, Paris, Washington, Luanda e Harare. Em janeiro de 1985, foi através de Aquino que o empresário luso-galego Manuel Bulhosa tentou sugerir uma forma de acabar com a guerra com a Renamo (o movimento de guerrilha anticomunista que se opõe à Frelimo de Moçambique, financiado pela racista África do Sul); em março de 1985, em Lisboa, Aquino manteve conversações sobre o possível apoio militar português na luta contra a Renamo. Houve outras ocasiões semelhantes, a maioria das quais talvez nunca saberemos.

Figura 4: Aquino em Cabo Delgado durante uma visita com uma brigada do CEA, maio de 1983



Fonte: Foto de Daniel Gubler

Aquino acreditava no valor da palavra falada – ele “adorava falar e o discurso intelectual o fascinava”. A conversa era, para ele, um meio de adquirir e avaliar novas ideias e novos conceitos, a serem sintetizados e posteriormente implantados de forma inovadora. O seu colaborador Yussuf Adam escreveu vários anos mais tarde que “Aquino tinha uma grande

capacidade de ouvir”, e embora “o mundo inteiro dissesse que Aquino falava muito... Aquino falava quando queria”.

Essa foi uma característica fundamental da personalidade de Aquino, uma característica que fez dele um entrevistador tão eficaz e um professor inspirador. As suas palestras públicas ocasionais – por vezes publicitadas como “uma noite de conversa” –, proferidas na Casa Velha em Maputo ou nas salas de aula da Universidade Eduardo Mondlane, abordavam temas como “raça e classe”, “o pensamento de Eduardo Mondlane”, “o poder popular nas zonas libertadas”, “Samora Machel” e “Guiné e Amílcar Cabral”. Existem planos em curso para publicar as transcrições de gravações de algumas dessas palestras – especificamente, sobre a ditadura de Salazar, bem como sobre as origens e a história da Frelimo.

Aquino era uma “pessoa totalmente política” e, apesar da sua angústia intelectual admitida, era uma personificação do “otimismo da vontade” de Gramsci. Seu amigo Immanuel Wallerstein disse que Aquino desempenhou três papéis políticos diferentes durante sua vida: militante, diplomata e revolucionário. Não há dúvida de que estas três dimensões políticas estiveram presentes em muitos momentos diferentes, sempre acompanhadas por um desejo de transformação social e pela esperança de que um novo mundo pudesse ser construído através da ação política. Afinal, uma das frases favoritas de Aquino ecoou o seu camarada Amílcar Cabral ao afirmar que “sonhar é preciso”.

Cem anos depois do nascimento de Aquino, portanto, e quase quarenta anos depois do seu assassinato em Mbuzini, enquanto o genocídio grassa sem controle em Gaza e os conflitos brutais se arrastam interminavelmente na Europa e em África, reconheçamos o quanto sentimos falta do generoso empenho de Aquino e de sua geração, e de sua visão de uma transformação democrática da sociedade.

Figura 5: Aquino, de bom humor, com sua segunda esposa, a artista Sílvia de Bragança (falecida em Goa durante a pandemia de Covid-19)



Fonte: foto de Naita Ussene

Uma nota sobre fontes online

Grande parte do jornalismo de Aquino da década de 1960 em diante foi digitalizada e está disponível, no original francês, no site *mozambique history net*.⁴ Uma coleção de doze dos seus artigos e entrevistas pós-1980, traduzidas para inglês, foi editada por Marco Mondaini e Colin Darch e publicada como *Independence and Revolution in Portuguese-Speaking Africa*.⁵ Em português, Marco Mondaini organizou livro com sete textos e prefácio de Colin Darch.⁶ Texto biográfico organizado pela sua segunda esposa, a falecida Sílvia Bragança, foi publicado em português sob o título *Aquino de Bragança, batalhas ganhas, sonhos a continuar* e, em inglês, como *Battles Won, Lasting Dreams*.⁷ O livro é baseado em uma ampla gama de entrevistas com camaradas e amigos de Aquino. Há também uma coleção de fotografias e fac-símiles de documentos no Flickr.⁸

doi: 10.9771/aa.v0i71.68551

4 Disponível em: [🔗](#)

5 Marco Mondaini & Colin Darch, *Independence and Revolution in Portuguese-Speaking Africa & Aquino de Bragança Selected Articles & Interviews, 1980-1986*, Cape Town: HSRC Press, 2019. [🔗](#)

6 Marco Mondiani (Org.), *Sonhar é preciso. Aquino de Bragança: independência e revolução na África Portuguesa, 1980-1986*, Recife: Editora UFPE, 2014. [🔗](#)

7 Sílvia Bragança, *Battles Waged, Lasting Dreams: Aquino de Bragança – the Man and his Times*, Goa: Goa 1556, 2011. [🔗](#)

8 Disponível em: [🔗](#)